

# Introdução

Ao longo do seu percurso de já 20 anos e entre diversas outras linhas de pesquisa, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa tem vindo a desenvolver investigação em torno da escrita de viagens, campo fecundo para pensar dinâmicas relacionais. Desta vez, o mote que esteve na origem dos estudos que agora se apresentam foi EM TORNO DE VIAGENS E OUTRAS DESLOCAÇÕES, título também de uma exposição que teve lugar em Setembro e Outubro de 2019 e onde se mostrou a grande diversidade dos livros de viagens patentes na biblioteca da Faculdade de Letras do Porto.

Viajar implica o olhar de um EU sobre um OUTRO, seja ele social, geográfico, climático, mais centrado no objecto ou então no sujeito que vive essa experiência diferenciadora. São portanto duas dimensões a ter em conta ao ler um desses livros: um guia, forçosamente mais informativo e mais objectivo, um relato ou simplesmente a escrita a partir do que se viveu, transportado para um novo meio, o da escrita, mas também da fotografia ou do desenho, o que implica uma relação mais subjectiva. Interessou sobretudo textos que privilegiam o olhar, a vivência pessoal. Cada viajante selecciona aspectos, momentos do que lhe foi dado ver, uma vez que uma visão holística não é possível. Selecciona a partir da memória, das anotações, das fotografias, aquilo que lhe parece mais eficaz na sua narrativa. São olhares únicos sobre paisagens que não as da origem dos viajantes, paisagens que podem coincidir com as de muitos outros viajantes, mas não os olhares. E cada olhar pode também ser condicionado pelas leituras prévias que os viajantes fizeram antes de partirem. Muitas vezes essas outras vozes anteriores encontram eco nos textos que agora escrevem. Por exemplo, muitos viajantes ao Próximo Oriente referem textos de Gertrud Bell ou Robert Byron, ou quem escreve sobre a Patagónia refere muitas vezes Bruce Chatwin. Como diz Ottmar Ette, não há um viajante puro, que parta sem qualquer informação. O viajante parte também com as vozes do seu país sobre esse Outro, muitas vezes marcadas por estereótipos, que o viajante confirmará ou negará. A relação intertextual é assim uma das marcas da literatura de viagens. O leitor, também ele possuidor de informações sobre a zona visitada, lerá a seu modo o texto. Para além do mapeamento inscrito nos textos, o leitor acaba por criar o seu próprio mapa pessoal. Temos, deste modo, muitas dimensões num só texto.

Cada viagem é irrepitível, é única, tal como a sua tradução em palavras. Já a viagem pelo texto é repetível, basta haver leitores. A verdade da viagem só existe no texto, pode corresponder a partes da viagem real, mas não deixa de ser um produto da memória, da selecção, da fantasia. As leituras agora publicadas são um exemplo das dinâmicas relacionais criadas à volta dos textos.

Enquanto Mário Matos nos fala sobre a multifacetada conceptualização da viagem, Fátima Outeirinho tece algumas reflexões sobre a literatura e viagens. Dois textos centram-se sobre a obra viagística de autores em concreto: Isabel Cristina Mateus reflecte sobre a viagem em Maria Ondina Braga e Dulce Soares compara as ‘declinações fílmicas’ e viagem em *Livro Usado* de Jacinto Lucas Pires.

Neste volume, incorpora-se ainda uma ligação ao canal do ILCML no Youtube, permitindo aceder a duas conversas: uma com Almeida Faria e a sua viagem textual a Goa e outra com Eduardo Salavisa que nos fala dos seus diários gráficos relativos às diversas viagens que realizou.

Fátima Outeirinho  
Gonçalo Vilas-Boas